
**PODCASTERS POR UM DIA: A POTÊNCIA DOS PODCASTS NA CRIAÇÃO DE
'CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES'**

**PODCASTERS FOR A DAY:
THE POWER OF PODCASTS IN THE CREATION OF 'CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES'**

**PODCASTERS POR UN DÍA:
EL PODER DE LOS PODCASTS EN LA CREACIÓN DE 'CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES'**

Felipe Costa Aguiar¹
Matheus Lucas dos Santos Silva²
Regina Célia Frigério³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos compartilhar e refletir sobre uma prática pedagógica que atribuiu novos usos a artefatos culturais como podcasts e smartphones para problematizar a temática guerra e paz com as turmas de 8º e 9º anos de uma escola privada, englobando as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Princípios e Valores. Nesse processo também atribuímos novos usos a artefatos culturais como o livro didático, que foi utilizado como base de pesquisa, assim como a internet e outras fontes documentais. Após um trabalho de curadoria do material pesquisado, roteirizamos o podcast, que foi gravado e editado com o aplicativo Anchor. Este escrito demonstra como a produção de sons cria novos '*conhecimentossignificações*' nos cotidianos escolares, fugindo da homogeneização do currículo, pensando formas de inventar novas maneiras de ensinar e aprender. Concluímos que antes de ensinarmos os conceitos de paz e guerra é preciso mobilizarmos os alunos em prol dessas temáticas, fazendo-os refletirem sobre os sentidos dessas palavras e os sons que eles fazem ecoar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Educação geográfica; Artefatos culturais; Podcast.

ABSTRACT

This work aims to share and reflect on a pedagogical practice that attributed new uses to cultural artifacts such as podcasts and smartphones to problematize the theme of war and peace with the 8th and 9th year classes of a private school, encompassing the subjects of History, Geography, Portuguese Language and Principles and Values. In this process we also attributed new uses to cultural artifacts such as the textbook, which was used as a research base, as well as the internet and other documentary sources. After curating the researched material, we scripted the podcast, which was recorded and edited with the Anchor app. This writing demonstrates how the production of sounds creates new '*conhecimentossignificações*' in everyday school life, escaping the homogenization of the curriculum, thinking about ways to invent new ways of teaching and learning. We conclude that before teaching the concepts of peace and war, we need to mobilize students in favor of these themes, making them reflect on the meanings of these words and the sounds they make echo.

Submetido em: 10/06/2023 – **Aceito em:** 12/01/2024 – **Publicado em:** 12/01/2024

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina.

² Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

KEYWORDS: Education; Geographic education; Cultural artifacts; Podcast.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo compartir y reflexionar sobre una práctica pedagógica que atribuyó nuevos usos a artefactos culturales como *podcasts* y *smartphones* para problematizar el tema de la guerra y la paz con las clases de 8º y 9º año de una escuela privada, abarcando las materias de Historia, Geografía, Lengua Portuguesa y Principios y Valores. En este proceso también atribuimos nuevos usos a artefactos culturales como el libro de texto, que sirvió como base de investigación, así como internet y otras fuentes documentales. Después de seleccionar el material investigado, escribimos el guión del podcast, que fue grabado y editado con la aplicación Anchor. Este escrito demuestra cómo la producción de sonidos crea nuevos '*conhecimentossignificações*' en la vida escolar cotidiana, escapando de la homogeneización del currículo, pensando en formas de inventar nuevas formas de enseñar y aprender. Concluimos que antes de enseñar los conceptos de paz y guerra, es necesario movilizar a los estudiantes a favor de estos temas, haciéndolos reflexionar sobre los significados de estas palabras y los sonidos que hacen eco.

PALABRAS CLAVE: Educação; Educação geográfica; Artefactos culturais; Podcast.

INTRODUÇÃO

Qual é o som da paz? Essa é a pergunta que fizemos para refletirmos sobre nossas práticas educativas baseadas nos sons enquanto criação de '*conhecimentossignificações*'⁴. A resposta para essa pergunta está dissolvida em todo nosso texto, quer seja enquanto imagem, metáfora, sons ou texto escrito. O modo de responder a essa pergunta foi a narrativa, potencializada pelos movimentos das pesquisas com os cotidianos descritos por Alves (2001; 2003). A narrativa é o procedimento que literaturiza a ciência, nos permitindo virar a teoria de ponta a cabeça, mergulhando na experiência docente em busca de um intenso sentimento de mundo, bebendo em todas as fontes da experiência, e não apenas na teoria (ALVES, 2001). Assim, o que se dissolve ao longo do texto não são apenas os sons da paz, mas os ruídos de se trabalhar com as guerras em sala de aula, as táticas as quais os *praticantespensantes* do cotidiano escolar recorrem e a necessidade de circulação dos '*conhecimentossignificações*' criados a partir de novos usos dos artefatos culturais em salas de aula. Sendo esse o movimento mais recente acrescentado às pesquisas com os cotidianos, como indicaram Alves, Andrade e Caldas (2019).

Com essa narrativa objetivamos refletir sobre as experiências que tivemos com a criação de dois episódios de um *podcast* com uma turma de 8º ano em 2021 e uma de 9º ano do Ensino Fundamental em 2022. Em nossa primeira tentativa, tínhamos em torno de sete alunos. Já no ano consecutivo, havia apenas cinco alunos. Também destacamos que a escola é considerada

⁴Nas pesquisas com os cotidianos, usamos expressões que aglutinam palavras na tentativa de expressar o imbricamento produzido por elas no cotidiano, mais complexo do que sua agregação pela conjunção "e" ou pelo sentido de fracionamento causado por sinais gráficos como hífen (-) e barra (/). Nilda Alves e Regina Leite Garcia foram as precursoras dessa grafia, influenciando, mais tarde, Carlos Eduardo Ferraço, Inês Barbosa de Oliveira e outros pesquisadores.

de classe média, pois o contexto em que estávamos inseridos não totaliza a realidade da maioria das escolas do país.

A melodia que nos guiava buscou colocar os estudantes no posto de produtores dos sons, criadores de ruídos na melodia da paz, ou seja, produtores de uma nova sonoridade das guerras, que de preferência fizesse com que eles mesmos demonstrassem as próprias concepções sobre paz e guerra. Chamamos de '*conhecimentossignificações*' a tessitura de todos os conhecimentos e significados que foram construídos pelos alunos a partir das inúmeras redes educativas que eles já faziam parte e também das que eles se inseriram com a prática pedagógica.

Ferraço, Soares e Alves (2017; 2018) apontam que a noção de '*conhecimentossignificações*' deriva das apropriações que as pesquisas com os cotidianos fizeram da teoria do cotidiano de Henri Lefebvre e de sua concepção de conhecimentos em rede nos cotidianos. De acordo com os autores:

As redes de '*conhecimentossignificações*' tecidas nos/com os cotidianos são efêmeras e se constituem diante das demandas da vida para logo se desvanecer. É preciso assumir a impossibilidade de apreender tudo o que acontece. Devemos supor, então, que podemos ter acesso apenas a alguns fios dessas redes e enquanto elas estão sendo tecidas (FERRAÇO, ALVES e SOARES, 2018, p. 101).

As práticas pedagógicas que narramos no decorrer deste texto partem de um contexto mais específico das pesquisas com os cotidianos, o da cibercultura e da criação de novos usos para os artefatos tecnológicos que permeiam a vida moderna, como fizeram Agueda Ovelha *et al* (2022) e Alves *et al* (2020) entre outros autores citados no trabalho.

Nessa seara, foi preciso que, assim como Carvalho, Zouain e De Lima (2022) buscássemos a produção de sons não maquínicos, mas de sons diferenciados, barulhentos e com muitos ruídos. Esses sons não são padronizados e ordenados, mas despadronezados. Sua linguagem não está prescrita em lugar nenhum. Enquanto '*conhecimentossignificação*', esses sons são os ecos que os alunos produzem e não estão antepostos nos manuais didáticos, por isso, são criações criativas e criadoras de outros significados. Eis aqui uma cacofonia necessária para enfatizar o poder dos sons de criar '*conhecimentossignificações*' em redes educativas.

QUAIS SÃO OS SONS DA PAZ?

Os sons da guerra todos nós conhecemos, ou minimamente supomos quais barulhos um campo de batalha faz. A imagem da guerra não é afônica, nela estão contidos os gritos dos soldados que se digladiam, o estrondor das explosões de bombas, o choro dos inocentes, o gotejar das lágrimas de quem teme a morte e o silêncio do desespero de quem tem que matar, mesmo sem querer.

Há guerras e guerras, sabemos bem. Mas toda guerra é guerra. Seus sons se repetem e, no mundo de hoje, os temos escutado com muita frequência e intensidade. Seja nos jogos eletrônicos, filmes de ação ou reportagens televisivas, os sons da guerra são familiares aos cidadãos do mundo de hoje. Como se já não bastasse essa ampla disseminação, temos sido

massacrados por variações de imagens e sons de guerra à medida que ao falar sobre guerras evocamos imagens para além daquelas mais clássicas, popularizadas por filmes que retratam o imperialismo romano, os conflitos entre nações antigas e gladiadores. Essas imagens clássicas têm sido atualizadas. Atualmente também falamos de guerra ao/do tráfico, guerra cibernética, guerra aos *bullying* e às formas de violência, guerra ao preconceito entre outros. De certa forma, há sons que se repetem nesses diferentes tipos de guerra.

Em vez de nos determos aos sons das guerras, buscamos um caminho contrário questionando-nos “quais são os sons da paz?”. Acreditamos que esses são mais difíceis de serem encontrados. Aliás, quem tem paz nos dias de hoje? Em um mundo cada vez mais tomado pela desigualdade e pela ascensão de governos autoritários e preconceituosos, é possível falarmos em paz? Afinal, o que é paz e como chegamos a ela?

É necessário frisarmos que a ideia ou, na verdade, o desafio de produzir os sons da paz chegou até nós enquanto uma demanda pedagógica. A demanda, a intencionalidade, o planejamento e a criação dos sons da paz surgiram em nosso cotidiano escolar, sendo a palavra “nosso” uma forma de tradução da coletividade dos autores: um professor de Geografia, o coordenador pedagógico da escola e a *professoraformadora* orientadora de ambos os *professorespesquisadores*. Nessa tríade estabeleceu-se a parceria entre Universidade e escola, a renovação constante entre professores e sua formação continuada.

A narrativa que aqui apresentamos versa sobre práticas pedagógicas em Geografia, tendo como recurso didático a produção de *podcasts* e os usos pedagógicos de artefatos culturais na criação de ‘*conhecimentossignificações*’ entre discentes e docentes, o que promove a formação continuada dos docentes nos cotidianos escolares e potencializa a formação discente.

Afinal, o que são esses cotidianos escolares aos quais tanto nos referimos? De acordo com Ferrazo, Soares e Alves (2018, p. 90):

cotidianos, portanto, é a palavra que usamos para nos referirmos à vida de todo dia e aos seus criadores que são, ao mesmo tempo, suas criações, simultaneamente, singulares e coletivas: os sujeitos — que somos e que vamos nos tornando —, as nossas práticas e os sentidos que a elas vamos atribuindo, tecendo e articulando redes de conhecimentos, de significações e de relações que vão constituindo nossas subjetividades e orientando nossas ações. Cotidianos, então, lugar de produção de conhecimentos, incluindo-se, entre eles, os valores, e de produção da existência.

Os autores ainda ressaltam:

Cotidianos escolares, nessa perspectiva, remetem às dimensões desses contextos cotidianos que abarcam a vida nas escolas, suas dinâmicas criadoras de conhecimentos e modos de existência e o enredamento destes com conhecimentos e modos de conhecer criados em outros contextos (mídias, ciências, artes, igrejas, movimentos sociais, estruturas de governo, vizinhança etc). A grafia no plural busca dar conta da heterogeneidade, da multiplicidade e das singularidades que os constituem. Cotidianos escolares remetem, portanto, ao contexto social no qual se produz o entrelaçamento das redes de ‘*conhecimentossignificações*’ e sentidos tecidas dentrofora das escolas, com a finalidade de aprendermosensinar, formarmos e nos formarmos (FERRAZO; SOARES; ALVES, 2018, p. 90).

No caso deste trabalho, o lugar que albergou os cotidianos escolares foi uma escola privada de Campos dos Goytacazes, município localizado na região Norte Fluminense do Rio de Janeiro. O período de realização dessas práticas se deu entre 2021 e 2022, momento em que o professor regente e o coordenador pedagógico, autores deste artigo, se encontraram diante dos conteúdos disciplinares da Geografia referentes à paz, geopolítica mundial e guerras.

No dia Internacional da Paz um desafio surgiu: como falar de paz se só discutimos as guerras? Para além dos clichês e das repetições sem diferença, precisávamos mobilizar os alunos em prol da paz, para além do livro didático, de preferência. Como fazer isso? Essa foi nossa primeira questão.

Imersos nas pesquisas com os cotidianos, temos recorrido à Oliveira (2002; 2012) e às noções de uso, tática e prática no contexto da docência. Cremos que essas noções permitem que compreendamos a relação entre professores e saberes docentes de forma empoderada, ou seja, de modo que os professores sejam os criadores de suas práticas, e não só reprodutores da ordem imposta (FRIGÉRIO, 2018). Nos trabalhos citados, Oliveira se apropriou de Certeau e sua teorização das estratégias e táticas cotidianas, o que permitiu que ela compreendesse que os professores não só repetem suas ações, mas as pensam igualmente. Segundo Oliveira (2012), não somos praticantes primeiro e depois pensantes. Somos *praticantespensantes*, porque esses atos são equíproos na criação de práticas pedagógicas.

Voltando à angústia de ensinar para além do livro didático, inclusive utilizando-o como meio de pesquisa e criação de *'conhecimentossignificações'*, lembramos com Alves (1998b, p. 132-133) de como há uma diferença entre o currículo prescrito pelos materiais e o criado cotidianamente pelos *praticantespensantes* da escola: “há permanentemente convivendo com este mundo, um outro mundo, que é o do cotidiano, que se objetiva no uso do próprio alheio, criando espaço, no qual é possível a intersubjetividade, o diálogo do eu/nós-você/vocês”. Diante disso, foi na busca desses usos do próprio alheio que tentamos encontrar outras formas de usar o livro didático que não as impostas pelo padrão do sistema de ensino. Isso é, criamos táticas:

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um "golpe", aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos, etc. (CERTEAU, 1994, p. 102).

Mas como se deram nossas táticas? A primeira delas foi lutar contra a ordem imposta pela disciplinaridade, convidando outros professores a se juntarem ao desafio de produzir os sons da paz e construir *'conhecimentossignificações'* sobre as guerras e os conflitos. Assim, juntaram-se ao projeto de produzir um *podcast* os professores de História, Língua Portuguesa, Princípios e Valores, Geografia e Matemática. Todos interessados em potencializar a discussão sobre a paz, cada um a seu modo. Enquanto em Geografia e História os docentes discutiam as geografias e as histórias dos conflitos, em Princípios e Valores a professora debateu as raízes da violência, a ambição, a desigualdade e a promoção da paz. Em Língua Portuguesa e Matemática os docentes dedicaram tempo para ajudar os alunos a escrever os roteiros do *podcast* e também discutir sobre a temática.

A segunda tática foi a de criar outros usos para o livro didático. Com isso, o que normalmente é visto como uma enciclopédia, foi transformado em base de pesquisa, sendo um artefato cultural com a função de compartilhar informações. Contudo, a nossa tática não foi apenas buscar a informação no livro didático e repeti-la no *podcast*, mas ler os dados apresentados pelos livros, debatê-los em correlação com outras informações que os alunos conheciam ou encontraram a partir de pesquisas, para então, construir o roteiro do *podcast*, produzindo os sons da paz a partir dos ‘*conhecimentossignificações*’ que criaram juntos em redes de discussão, pesquisa e orientação coletiva.

Consideramos que a terceira tática que criamos, talvez a mais potente, foi subverter a lógica de organização espacial da sala de aula amplamente difundida ao longo da história das instituições escolares. Dificilmente conseguiríamos criar novos usos para o livro didático se não mudássemos a tradicional organização da sala de aula em que o professor se localiza à frente do quadro e, respectivamente, os alunos se dispõem em fileiras à frente do docente. Diante disso, o reposicionamento do professor tornou-se uma de nossas táticas, colocando-o na posição de quem impulsiona o debate, leva para a sala de aula questões-problema, situações de pesquisa e, no máximo, media as relações entre os alunos e as fontes de pesquisa. Mas nunca na posição de quem determina qual conhecimento é válido e qual é inválido. Foi preciso eliminar a guerra dos saberes e das posições de autoridade, para então, realmente construirmos juntos ‘*conhecimentossignificações*’ sobre a paz.

CRIANDO ‘CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES’

O aplicativo utilizado para a criação dos dois episódios do *podcast* foi o *Anchor*⁵, uma ferramenta gratuita disponível para a criação de *podcasts* simples, que naquele momento contemplava nossos planos.

Apesar dos dois projetos terem sido criados pelo mesmo aplicativo e disponibilizados na plataforma de *streaming Spotify*, cada episódio surgiu a partir de uma demanda específica. Nas próximas linhas, nos ateremos individualmente a cada um desses projetos, para então, na seção seguinte, nos ateremos aos sons que essas experiências nos fizeram pensar.

O primeiro episódio, “*Fake News, Paz de uma Sociedade e de Adolescentes*”, surgiu como resultado de uma demanda da escola que foi incorporada às disciplinas de Ciências Humanas para celebrar o Dia Internacional da Paz. A demanda nos impunha a necessidade de pensar uma proposta de trabalho que desse conta da complexidade do tema e não ficasse apenas na repetição de conteúdos disciplinares ou na já conhecida lista de boas maneiras de convivência, mas fosse capaz de alcançar outros sujeitos da escola, ou da comunidade escolar.

Pondo em prática as táticas mencionadas na seção anterior, reuniram-se os professores de Geografia, História, a Coordenação pedagógica, para pensar quais estratégias seriam necessárias para desenvolver o projeto. Juntos, pontuamos as seguintes etapas:

⁵Há pouco tempo tornou-se parte efetiva do aplicativo *Spotify* mudando seu nome para “*Spotify for Podcasters*”.

- 1° - Relacionar o tema do projeto com o conteúdo para apresentar a proposta;
- 2° - Pesquisa sobre o tema;
- 3° - Criação do roteiro de gravação incluindo os achados da pesquisa;
- 4° - Gravação do roteiro na escola;
- 5° - Edição da gravação na escola;
- 6° - Compartilhamento do *Podcast*.

Nesse projeto, tomamos como ponto de partida um debate levantado durante a pandemia de covid-19 e os altos índices de compartilhamento de *Fake News*: o modo como as notícias falsas afetam as pessoas e as relações sociais.

De acordo com Bernardes (2020), a rápida disseminação de informações pelas redes sociais digitais possibilita que *fake news* afetem pessoas que estão a quilômetros de distância da fonte emissora da notícia. Além disso, é possível relacionar o surgimento de *political haters* e outras formas de discurso de ódio ao compartilhamento instantâneo e também ao potencial que as *fake news* têm de reunir pessoas nas redes sociais digitais e no espaço geográfico.

Compreendemos as *fakes news* como um conjunto de informações falsas e perigosas que, dependendo do modo como são construídas e da intensidade com que são compartilhadas, têm o poder de nos desestabilizar emocionalmente. Essa seria a relação direta entre as notícias falsas e o desafio pela paz. Isto é: como as *fake news* afetam a busca pela paz, promovendo conflitos em diferentes escalas e territórios?

Nesse primeiro projeto pedagógico, as disciplinas de Geografia e História foram envolvidas, tendo sido articuladas pelos professores e pelo coordenador pedagógico, também formado em Geografia. No contexto da Base Nacional Comum Curricular, a habilidade desenvolvida em Geografia discutia o momento da Guerra Fria, sendo ela “(EF08GE08) Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra” (BRASIL, 2018, p. 389). Enquanto em História a habilidade que debatia a Revolução Industrial, sendo ela “(EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas”. (BRASIL, 2018, p. 425).

Ambos momentos em que o mundo passava por grandes conflitos e reformas capaz de mexer com o estado emocional das pessoas, sendo momentos delicados, situações em que qualquer notícia falsa poderia influenciar os líderes políticos em decisões determinantes na história mundial.

Em geral, a turma tinha bastante interesse pela temática das guerras e da paz, o que possibilitou maior integração entre os discentes e tornou o processo de criação do *podcast* mais prazeroso. Como os discentes não conheciam o aplicativo *Anchor* e não tinham experiências prévias com a gravação e edição de áudios, esse processo foi difícil em diferentes aspectos.

Primeiro, surgiu a dificuldade de saber o que e como falar. É importante ressaltar que a dificuldade não era sobre o conteúdo disciplinar em Geografia e História, mas sim no modo como os discentes falariam sobre o conteúdo disciplinar no *podcast*, pois, segundo sua própria justificativa, os internautas que ouviriam o *podcast* poderiam não ter a mesma familiaridade que eles tinham com os conteúdos disciplinares, que incluiriam datas específicas, detalhamento do contexto histórico e geográfico de conflitos mundiais e conceitos técnicos. Houve, portanto,

o trabalho e o cuidado dos discentes discutirem a transposição das informações que pesquisaram nos livros didáticos e, por meio de um tipo de tradução, pudessem estabelecer uma comunicação com qualquer tipo de internauta. Como discutirmos as guerras e a paz se falamos línguas diferentes? Aliás, as guerras não seriam, entre vários aspectos, um problema de comunicação? Diante disso, era preciso que nos demorássemos sobre esse trabalho de produção do roteiro e curadoria dos discursos. Ao todo, o processo de pesquisa, planejamento, gravação e edição do episódio precisou de dez tempos de aula de cinquenta minutos, que envolveram as disciplinas de História e Geografia.

A partir desses processos quais foram os sons da paz produzidos pelos alunos? Quais ruídos os 'conhecimentossignificações' criados por eles fazem nas melodias da guerra? Não há razão para nos estendermos páginas afora descrevendo os barulhos que eles fizeram se é possível que vocês, leitores, ouçam as vozes dos educandos experienciando suas criações e seus novos usos para o artefato cultural *podcast*.

FIGURA 1 - #Fake News: Paz de uma sociedade e de adolescentes



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Em imagens padrão da guerra, é preciso criar ruídos em meio às melodias padronizadas, dos discursos criados com o objetivo de nos homogeneizar, de nos impossibilitar de pensar e criar alternativas. Esse pensamento é aquele que Carvalho, Zouain e De Lima (2022) buscaram combater. Com inspirações em Deleuze e na filosofia dos corpos sem órgãos seu trabalho nos leva a combater a aparente organicidade dos processos educativos, aquelas normas que seguimos sem questionar. O que se combate é a normalização, a normatividade e a norma. A partir desse combate, cria-se o devir, a possibilidade imprevisível, a abertura para novas criações nos espaços escolares e nas discussões discentes. Produzir sons sobre paz e guerra que desestabilizam as normas e promovem discussões autênticas entre os alunos é de suma importância para a formação humana para nosso século, principalmente no cenário de intensa disseminação do negacionismo, racismo, homofobia, machismo e nazifascismo.

Para produzir novos sons é preciso estranhar as melodias da guerra, para que compreendamos os estrondos que a paz faz. Isso seria impossível se não fizéssemos um alvoroço em sala. Assim, criaremos novos sons...aqueles que apenas os alunos emitem! Pensando nisso, planejamos o segundo episódio do *podcast* que buscava ecoar os barulhos da guerra e encontrar nele os ruídos da paz.

O segundo projeto pedagógico, "Conflitos Mundiais", foi desenvolvido apenas na disciplina de Geografia em 2022 com a turma de 9º ano, utilizando o mesmo aplicativo. Esse momento foi

essencial para recordar com os alunos a importância de revisitar projetos antigos na intenção de melhorá-los, identificando os erros e acertos. Nunca em uma perspectiva de ultrapassado, mas sempre com um olhar de renovação e avaliação de si mesmo.

Nesse contexto, as habilidades que englobam o assunto foram: “(EF09GE01) Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares” (BRASIL, 2018, p. 393); “(EF09GE08) Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania” (BRASIL, 2018, p. 393); “(EF09GE09) Analisar características de países e grupos de países europeus, asiáticos e da Oceania em seus aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir suas desigualdades sociais e econômicas e pressões sobre seus ambientes físico-naturais” (BRASIL, 2018, p. 393).

Como a turma do 9º ano foi a subsequente do 8º ano em que trabalhamos o projeto das *Fakes News*, os alunos estavam ambientados com a ferramenta tecnológica e todo passo a passo para formulação do *podcast*.

Com base no material didático, tínhamos como suporte informações e discussões sobre os conflitos geopolíticos da Chechênia, sendo eles a base que tomamos para pesquisar e produzir novos sons para a guerra e suas consequências. Nesse segundo projeto a dificuldade maior do grupo não foi só a transposição do conteúdo disciplinar, mas executar a pesquisa e se aprofundar nas discussões que o livro didático trazia, uma vez que o tema é bastante complexo em decorrência da quantidade de fatos históricos que o compõem. Diante desse embate, os discentes foram divididos em quatro grupos, cada um responsável por um aspecto dos conflitos estudados. Isso facilitaria a subdivisão dos discentes e suas pesquisas. A supervisão do docente e o trabalho de debate entre os grupos poderia potencializar o compartilhamento de ‘*conhecimentossignificações*’ descobertos durante a produção de cada grupo. A dinâmica criada pelos *praticantespensantes* resultou na seguinte divisão: 1º - O contexto do conflito; 2º - A Primeira Guerra da Chechênia; 3º - A segunda Guerra da Chechênia; 4º - A disputa no presente (CALLIS, 2022). A pesquisa sobre o tema, a escrita do roteiro, a gravação e a edição do *podcast* tomou nove tempos de aula de cinquenta minutos, todos eles exercidos nas aulas de Geografia.

Assim como no primeiro episódio do *podcast*, lançamos mão da avaliação processual para avaliar como os ‘*conhecimentossignificações*’ estavam sendo construídos em grupo. Durante os estudos, os alunos decidiram levar seus *smartphones* com aplicativos para gravação e edição de áudios, dispondo-se a gravarem suas falas para juntos editarem o áudio. Cada grupo gravou sua própria fala, depois um grupo específico fez a intersecção dos áudios, para então unir todas as vozes em um só *podcast*. Tendo unido várias vozes, os discentes produziram uma consonância de sons, uma potência de problematizações, lançando questionamentos para os internautas que se aventuram pela plataforma *Spotify*.

Contudo, apesar do bom trabalho que os alunos realizaram, enquanto docentes acreditamos que, ainda que nenhum internauta dê ouvidos aos sons que os discentes produziram, a semente mais potente dessas práticas educativas foi plantada, semeada e está em crescimento. Que semente seria essa? A semente da criação, da criatividade, do trabalho em equipe, da educação

que desestabiliza as normas. Isso é tudo que os alunos produziram enquanto ‘*conhecimentosignificações*’. A semente mais potente, portanto, é aquela que eles plantaram neles mesmos, a semente do questionamento:

FIGURA 2 - #Conflitos Mundiais: A questão da Chechênia



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Se o mundo clama por paz, nós não podemos apertar o botão “*mute*” para as guerras. Pelo contrário, temos a obrigação de ligar todos os *home theaters* que pudermos, de fazer ecoar os sons dos conflitos em todas as plataformas de *streaming*, de literalmente criar uma balbúrdia sobre os dilemas das guerras. Só assim acreditamos que poderemos ouvir o som da paz, ainda que seja a custo de uma guerra contra as guerras e suas razões vis.

O SOM DA ESPERANÇA É O BARULHO DOS SONHOS

Antes mesmo de produzir o som da paz precisamos produzir o som da esperança. Em meio a tantos conflitos e guerras é impossível construirmos a paz se antes mesmo dela surgir em nosso horizonte, não produzirmos o som da esperança. Esse som não deve ser qualquer um, mas um verdadeiro estardalhaço! A sociedade moderna, também conhecida como sociedade do espetáculo, do cansaço, da opressão, da desigualdade etc, só acordará do sono das guerras mediante o grande estrondo da paz. Mas para isso acontecer precisamos alimentar a esperança de dias melhores ou, no mínimo, dos tempos em que menos humanos optarão pela guerra como resolução dos conflitos. Enquanto esse tempo não chega, só nos resta uma saída: sonhar com a paz enquanto produzimos o som da esperança, pois é a esperança a música que anuncia as boas novas que acompanham a paz, ainda que elas não tenham data para emergir em nosso mundo. Como escreveu Valladares (2013, p. 285), “sonhar significa lutar por algo que pode ser melhor. Creio que sonhos permanecerão como sonhos apenas enquanto não se desencadearem ações que possam torná-los concretos”.

O que produzimos aqui não foi o som de uma música, mas foi um som de potência, que buscou ecoar as vozes dos discentes e suas palavras sobre conflitos e guerras. Não somos ingênuos a ponto de crermos que a produção de alguns minutos de *podcast* resolverão algum conflito. Mas começamos a crer, que os discentes podem produzir sons antes nunca emitidos. Por isso, nada os impede de produzirem sons para quem sabe, um dia, calarem a voz da guerra. Podemos não estar aqui em presença quando esse dia chegar, mas estaremos na memória enquanto sons

baixos ou altos, não importa o volume, mas sim a potência com a qual as ondas sonoras ecoam entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra. Circulação científica na criação de? ‘conhecimentossignificações’? em uma pesquisa em andamento: movimentos de um vídeo no google. In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; ROSA, Flávia (Orgs.). **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares**. 1ed. Ilhéus/BA: Editus, v. 1, p. 187-200, 2018.

ALVES, Nilda. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998a.

ALVES, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998b.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de, ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas; sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-38, 2001.

ALVES, Nilda Guimarães. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias** (UERJ. Online), Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-8, jan./dez., 2003.

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, p. 19-45, 2019.

AGUEDA OVELHA, Izadora et al. A redescoberta dos sons-questão curricular atual. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, 2022.

ALVES, Nilda Guimarães et al. Imagens, sons e narrativas: criar conhecimentos e formar docentes. **Educação em Foco**, p. 167-183, 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CARVALHO, Janete Magalhães; ZOUAIN, Ana Cláudia Santiago; DE LIMA, Jannaina Calixto. Na produção da existência à necessária composição entre currículos e tecnologias. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: artes de fazer**. Tradução de Epherim

Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SILVA SOARES, Maria da Conceição; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia Y Saberes**, v. 46, p. 7-17, 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SILVA SOARES, Maria da Conceição; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. 112 p.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de.; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 39-54, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. DP et Alii, 2012.

VALLADARES, Maria Terezinha Rosa. A Geografia e a Propaganda: para ler o mundo e escrever a vida. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Orgs.). **(Geo)grafias e Linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba: Editora CRV, v. 1, p. 285-295, 2013.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença..